

ALFABETIZAÇÃO NA PERSPECTIVA DA CEGUEIRA: UM RELATO DE EXPERIÊNCIA

Mariana de Oliveira Martins Domingues (1); Renata Vilanova Lima (2)

Universidade Federal Fluminense – UFF marianaomd@id.uff.br; Universidade Federal Fluminense – UFF revilanovalima@gmail.com

Introdução

Atualmente, vive-se uma realidade social em que o ato de ler e escrever, ou seja, a simples decodificação do sistema escrito, não satisfaz a necessidade atual de uma leitura que envolve a dimensão cultural e social, na qual a língua escrita passa a atender a um conjunto de atividades sociais.

Neste relato, entende-se que “alfabetismo é o que as pessoas fazem com as habilidades e conhecimentos de leitura e escrita, em determinado contexto, e é a relação estabelecida entre essas habilidades e conhecimentos e as necessidades, os valores e as práticas sociais (SOARES, 2005, p.33).” Ou seja, não basta ler e escrever, é preciso usar essa habilidade na relação com o outro e com o mundo, respondendo as demandas sociais.

As crianças, na sua relação com o mundo, percebem e identificam o código escrito desde muito pequenas, pois estão envolvidas numa sociedade letrada e visual. Essa imersão na cultura escrita através de revistas, jornais, livros, folhetos, produtos e etc., faz com que as crianças cheguem na escola com noções básicas do sistema de escrita, como diferenciação entre letra e desenho, a posição da letra e leitura da esquerda para a direita. Essas noções sobre a escrita diferenciam-se de criança para criança, dependendo do contexto social e cultural de cada uma.

Com crianças cegas o contexto é diferente. A maioria chega a escola sem conhecimento de um sistema de escrita. Tendo em vista que a ausência da visão limita a criança quanto a vivência de experiências visuais, e que o braille não ser divulgado e não possui a mesma expressão social que o sistema de escrita visual, as crianças cegas ficam restritas quanto ao conhecimento do código braille.

O relato tem como objetivo pontuar aspectos importantes para a educação de cegos, principalmente, na etapa de alfabetização, visando a qualidade nas práticas pedagógicas.

Metodologia

A partir do trabalho pedagógico com crianças cegas em fase de alfabetização observou-se que, a alfabetização na perspectiva da criança cega envolve dois aspectos importantes: a utilização dos sentidos remanescentes e o conhecimento de mundo.

Quanto ao primeiro aspecto, os sentidos remanescentes assumem papel importantíssimo no desenvolvimento do sujeito cego. Toda a experiência do homem vem pelos sentidos. A criança com cegueira precisa, necessariamente, dos outros sentidos (audição, tato, olfato e paladar) para adquirir experiências que pelas crianças videntes¹ são adquiridas visualmente. Assim, é preciso estimular ao máximo a utilização dos sentidos na investigação e análise de tudo que a rodeia, principalmente, através do tato. "A mão será o canal principal de assimilação, apreensão e compreensão do mundo, por isso, deve adquirir muita autonomia (BRUNO, 1997, p.50)." O contato da criança cega com o mundo precisa ser direto, palpável.

Difícilmente se constrói uma aprendizagem significativa para o cego sem uma submersão na concretização daquilo que é comunicado. A aprendizagem é resultado de um processo de experiências e mediação social. Portanto, o trabalho pedagógico com a criança cega, especialmente, a congênita, deve ser concreto, com diferentes estímulos sensoriais, promovendo a auto

(83) 3322.3222

contato@ceduce.com.br

www.ceduce.com.br

atividade e independência, articulando o desenvolvimento de outras habilidades, as quais produzirão liberdade para experimentar, pesquisar e explorar o que lhe vem a mão. Conforme Veiga (1983), autor cego,

Para infundir numa criança cega o interesse que lhe plasme a educação do corpo e do espírito, temos que proporcionar-lhe muito maior dosagem de estímulo que às outras. Cumpre promover, em maior quantidade e melhor qualidade, estímulos aos sentidos que lhe restam, de modo que se compensem os que as suas companheiras normais recebem ordinariamente, do mundo exterior. (p.5)

Quanto ao segundo aspecto, o conhecimento de mundo é fundamental no processo educacional, ele é o ponto de partida para um trabalho contextualizado. É a partir do que o aluno trás para a sala de aula que se desenvolvem práticas educativas na qual um novo conhecimento se articula com os conhecimentos prévios do aluno, dando sentido a aprendizagem.

Conhecer sobre tudo o que se ouve, sobre aquilo que não se vê, sobre o que não é possível experimentar com os sentidos remanescentes é um caminho necessário ao cego, pois “onde não é possível avançar no desenvolvimento orgânico, abre-se um caminho sem limites para o desenvolvimento cultural (VIGOTSKI, 2011, p.869)”. A falta da visão não é um fator de retardamento do desenvolvimento da criança cega, mas sim a falta de experiência social, de aprendizagem por observação visual, o que impõe caminhos diferentes na aquisição de conhecimentos que são construídos nessa relação com o mundo.

Existe uma relação entre experiência pessoal e educação. A educação acontece para a relação com o mundo, ou seja, se aprende nessa conexão e para essa relação. As crianças cegas, em sua maioria, chegam ao espaço escolar com pouca vivência de mundo, seja pela falta da visão ou pela falta de interação social. Essa falta de experiência, entendida neste momento como conhecimento acumulado sobre a realidade, se expressa num pensamento limitado. É preciso, por conseguinte, proporcionar vivências para a criança cega, pois ampliar as suas experiências estabelece uma base sólida para a aprendizagem.

Resultados e Discussão

Não há inclusão sem conhecimento dos aspectos relevantes da pessoa com deficiência e estratégias para vencer os desafios que se apresentam. Portanto, conhecer o sujeito cego e sua particularidade quanto aos processos de aprendizagem colabora para a real participação e formação educacional do aluno.

Incluir alunos com cegueira em classes regulares de ensino requer do professor uma consideração sobre as especificidades do processo ensino aprendizagem, exigindo um trabalho diferenciado e com adaptações. A necessidade da utilização dos sentidos remanescentes e de conhecimento de mundo se mostraram pontuais para um trabalho pedagógico que incorpore a leitura e a escrita de forma significativa.

Identificar as especificidades da educação de cegos é importante para o conhecimento da área de estudo e para a reflexão de novas práticas que atendam ao aluno com necessidades especiais. Esses aspectos relevantes do processo de alfabetização de cegos é importante para a ressignificação da aprendizagem e para a promoção de novos olhares sobre a inclusão de desses alunos.

Conclusões

A alfabetização é o processo de aprendizagem da palavra que se inicia antes da escolarização, envolvendo vivência e conhecimento de mundo. A criança cega precisa dessa experiência cultural e social para se desenvolver de forma integral e se incluir no contexto educacional de crianças videntes. A educação do cego envolve, sobretudo, dentre outros aspectos, um trabalho pedagógico norteado pela utilização dos sentidos, dispendo do tato como o principal canal de assimilação; e conhecimento da realidade a sua volta, reconhecendo

na interação social uma forma de complementar o conhecimento que lhe falta pela condição da não visualidade. A maneira como as crianças cegas são conduzidas no percorrer do processo de formação educacional pode reelaborar o comportamento delas compondo caminhos novos e potencializando o desenvolvimento.

Referências

BRUNO, Marilda Moraes Garcia. **Deficiência Visual:** reflexões sobre a prática pedagógica. São Paulo: Laramara, 1997.

SOARES, Magda. **Alfabetização e letramento.** 3. ed. São Paulo: Contexto, 2005.

VEIGA, J. Espínola. **O que é ser cego.** Rio de Janeiro: José Olympio, 1983.

VIGOTSKI, Lev Semionovitch. A defectologia e o estudo do desenvolvimento e da educação da criança anormal. **Educação e Pesquisa**, São Paulo, v. 37, n. 4, p. 861-870, dez. 2011. Disponível em: <http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1517-97022011000400012>. Acesso em: 20 abr. 2018.

ⁱ Vidente é o termo utilizado no campo da deficiência visual para fazer referência às pessoas que enxergam.